

A CIDADE FELIZ



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – CHRISTIANO LYRA FILHO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO

SEDI HIRANO – SILVIA HUNOLD LARA

*Coleção Mundus Alter*

Comissão Editorial

ALCIR PÉCORÁ

ANTONIO EDMILSON MARTINS RODRIGUES

CARLOS ANTÔNIO LEITE BRANDÃO

CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL (coord.)

HILÁRIO FRANCO JR.

FRANCESCO PATRIZI DA CHERSO

# A CIDADE FELIZ

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS  
HELVIO MORAES

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

C424C	Cherso, Francesco Patrizi da. A cidade feliz / Francesco Patrizi da Cherso; tradução, introdução e notas: Helvio Moraes. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.	
	1. Utopias na literatura. 2. Literatura italiana – História e crítica. 3. Ciência política – Filosofia. 4. Humanismo. I. Moraes, Helvio. II. Título.	
		CDD 809.933
		850.09
		320.01
ISBN 978-85-268-0952-9		144

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Utopias na literatura	809.933
2. Literatura italiana – História e crítica	850.09
3. Ciência política – Filosofia	320.01
4. Humanismo	144

Título Original: *La città felice*

Copyright © by Helvio Moraes

Copyright © 2011 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp  
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp  
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728  
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

A coleção *Mundus Alter* é composta de uma série de utopias literárias, essenciais para a compreensão do imaginário político moderno. Trata-se de uma coleção de traduções para a língua portuguesa desses textos, inéditos em português, que inventaram e descreveram mundos outros, que são na verdade imagens invertidas do nosso próprio mundo. Longe de servirem para o escapismo político, as utopias são, comumente, retratos irônicos, cáusticos e satíricos da época de seus autores. Como alegoria, a utopia formaliza as contradições do momento presente de sua composição, e a formalização literária da completa remissão dos males sociais é, em si mesma, a utopia. Adotando a forma de relatos de viagens imaginárias, de tratados e projetos sociais, as utopias foram, em seu meio milênio de história, interlocutoras contínuas das sociedades que as produziram e de suas teorias políticas, constituindo muitas vezes elas próprias uma teoria e uma proposição política. Cada volume desta série, composta da tradução acompanhada por notas críticas e históricas, é sempre o resultado do trabalho dos maiores especialistas na obra traduzida.

*Carlos Eduardo O. Berriel*



## *Agradecimentos*

Quero agradecer vivamente ao professor Carlos Berriel, pela orientação ao longo destes anos e pela confiança demonstrada a cada etapa deste percurso. Também sou grato à professora Ana Cláudia Romano Ribeiro pela constante interlocução. Durante a pesquisa, valiosas foram as leituras e sugestões dos professores Alexandre Soares Carneiro e Edgar Salvadori De Decca.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), quero agradecer a concessão de licença integral de minhas atividades de docência, e ao CNPq, o apoio financeiro durante o período da pesquisa.



# SUMÁRIO

Apresentação..... 11

Introdução ..... 13

## A CIDADE FELIZ

*Ao muito reverendo e ilustre...* ..... 61

1 Da natureza do homem ..... 65

2 Das coisas necessárias para alcançar a  
felicidade ..... 69

3 Das necessidades da alma e do corpo..... 72

4 Das coisas e dos ofícios necessários..... 75

5 Da localização da cidade ..... 79

6 Da população e de sua igualdade..... 85

7 Das leis e da magistratura ..... 88

8 Do governo da cidade ..... 91

9 Da defesa da cidade e das milícias..... 94

10 Do comércio e da religião ..... 103

11	Dos componentes e das partes da cidade .....	106
12	Da felicidade dos cidadãos.....	110
13	Da geração dos filhos .....	114
14	Da criação dos filhos .....	117
15	Da educação dos filhos .....	119
16	A cidade mais adorada do mundo.....	125
Bibliografia.....		127
Edições de <i>A cidade feliz</i> utilizadas para a tradução.....		127
Referências bibliográficas .....		127
Dicionários, enciclopédias e catálogos consultados .....		134

## APRESENTAÇÃO

Há dez anos tenho estudado o pensamento político do filósofo ítalo-croata Francesco Patrizi da Cherso (1529-1597). *A cidade feliz*, seu primeiro escrito, foi objeto de minha pesquisa no curso de mestrado em teoria e história literária, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, sob a orientação do professor Carlos Eduardo Ornelas Berriel. Uma primeira versão deste pequeno tratado foi publicada no primeiro número da revista *Morus — Utopia e Renascimento* em 2004. Da mesma forma, partes do estudo introdutório foram publicadas em alguns periódicos, como as revistas *Sínteses* (vol. 11), *Leitura* (Ufal, nº 32) e *Morus* (nº 2). Neste livro, organizo esse material num trabalho de revisão e a ele acrescento algumas reflexões advindas de leituras e observações posteriores à escrita da dissertação. A tradução também sofreu uma ampla revisão, em que tentei aliviar um pouco o peso das

longas (e um tanto intrincadas) frases do filósofo, buscando, contudo, ser fiel ao seu estilo e à sua mensagem — até onde isso é possível. Por fim, procurei dar mais clareza a pontos-chave do tratado por meio de notas explicativas.

*Helvio Moraes*

## INTRODUÇÃO

### *Francesco Patrizi e o ambiente intelectual veneziano de meados do Cinquecento*

Quem estuda os escritos juvenis de Francesco Patrizi da Cherso, sobretudo os da fase paduana (momento circunscrito entre os estudos de medicina, iniciados em 1547, e a publicação de seus primeiros textos, em 1553), encontra um significativo grau de dificuldade na constituição de um quadro pormenorizado da vida do jovem autor. Tal dificuldade deve-se à escassez de registros da época relacionados a Patrizi, o que se agrava ainda mais quando percebemos a falta de registros testemunhais do filósofo durante o período em questão. Como exemplo, basta mencionar que seu epistolário, organizado por Danilo Aguzzi Barbagli em 1975, possui aspecto fragmentário. A carta mais antiga data de 30 de outubro de 1564, ou seja, a pouco mais de uma década da publicação d'*A cidade*

*feliz*, sem nos esquecermos da distância geográfica (embora não política) que o separa do Vêneto: Patrizi encontra-se em Chipre, como governador das terras pertencentes a Giorgio II Contarini, o então conde de Zaffo. Ainda assim, há um lapso temporal considerável entre essas “primeiras” e escassas cartas e o conjunto mais compacto coletado por Aguzzi Barbagli, que engloba, principalmente, a correspondência da maturidade. Tais séries referem-se aos períodos em que Patrizi leciona filosofia platônica nas universidades de Ferrara (momento em que goza de grande prestígio na corte de Alfonso II, como um dos conselheiros do duque) e Sapienza, em Roma, para onde foi como *protégé* da família Aldobrandini em 1592, e onde permanecerá até sua morte, em 1597.

No entanto, é proveniente do período ferrarense o testemunho mais elucidativo sobre essa fase de Patrizi: trata-se da carta autobiográfica, escrita em 12 de janeiro de 1587, endereçada a seu protetor florentino Baccio Valori, membro da Accademia degli Alterati e conselheiro do grão-duque Ferdinando I. Além dos eventos nela relatados, pouco sabemos diretamente de Patrizi sobre seus anos de formação universitária. Assim, após breves referências à sua infância, nas quais, além das informações

elementares sobre data e local de nascimento (25 de abril de 1529, em Cherso), Patrizi busca atribuir-se uma ascendência nobre, deparamo-nos, aqui e ali, com relatos sobre sua trajetória de estudos, além de menções à sua adolescência repleta de aventuras e combates como tripulante de uma embarcação veneziana, na companhia de um tio paterno.

Nessa parte da carta encontramos um sumário relato de sua permanência em Pádua:

[...] em maio de 1547 foi enviado a Pádua para estudar. Lá, naquele primeiro verão, tendo encontrado um Xenofonte grego e latino, sem nenhuma orientação ou auxílio, começou a estudar a língua grega, da qual havia tido poucos rudimentos em Ingolstadt, e foi tão proveitoso que no início de novembro, ao iniciarem-se os estudos, desejou estudar o texto de Aristóteles e os comentadores gregos sobre a lógica. Pôs-se a ouvir Tomitano, famoso lógico, mas este jamais o agradou, e nunca soube o porquê, motivo pelo qual estudou lógica por si mesmo. No ano seguinte, tomou conhecimento da filosofia de um certo Alberto e de Genoa, mas nem estes lhe agradaram, motivo pelo qual estudou por si mesmo. No fim dos estudos, atendeu às aulas do médico Monte, e lhe agradou seu método de tratar as coisas, assim como o de Bassiano

Lando, de quem foi discípulo enquanto esteve no Studio. E nesse ínterim, ao ouvir um frade franciscano sustentar conclusões platônicas, tornou-se seu admirador e, depois, tendo se tornado amigos, pediu-lhe que o encaminhasse pela via de Platão. O frade lhe propôs a teologia de Ficino como uma ótima via, e a ela se entregou com grande avidez. E tal foi o princípio daquele estudo que depois sempre seguiu. No ano de 1551 seu pai morreu, o que o fez decidir não querer ser médico e, assim, vendeu Galeno e os outros livros de medicina [...]. (Patrizi, 1975, pp. 46-7)

Há uma sugestão de que a carreira médica fora, de certa forma, imposta pelo pai, pois é somente após sua morte que Patrizi põe fim ao percurso de quatro anos de estudos na área. Além disso, sua incompatibilidade com tal carreira pode ser deduzida pela presteza com que se desfaz de “Galeno e os outros livros de medicina”, mas adiante veremos que essa formação deixaria marcas profundas no pensamento do jovem filósofo.

Nessa passagem sobre os estudos em Pádua, assim como em outros pontos da carta, percebemos a intenção do autor de conferir à sua formação intelectual uma grande parcela de autodidaxia: a alusão ao aprendizado da língua

grega “sem nenhuma orientação ou auxílio”, afora os rudimentos adquiridos em Ingolstadt; o estudo da lógica aristotélica “por si mesmo”; a refutação da “filosofia de um certo Alberto e de Genoa” e a busca, por si próprio, de uma filosofia que o agradasse; e, por fim, o contato com o frade franciscano que lhe propôs a “teologia de Ficino, à que se entregou com grande avidez”.

Bottin (1999) observa que a construção dessa imagem de autodidata, algo “bastante congênito aos humanistas”, é fruto de uma habilidosa manobra retórica que dissimula seu anseio por afastar de si quaisquer vínculos com o pensamento aristotélico, especificamente aquele difundido pelos mestres do Studio paduano. O apelo veemente à autodidaxia seria, então, uma forma de recusa a qualquer contributo, que, não obstante, recebeu dos aristotélicos. Sendo assim, apesar da grande amizade que os uniu, e por mais agradecido que se mostre, Patrizi não menciona o nome do “frade de São Francisco”, o homem que o encaminhou “pela via de Platão” — o que revela ainda mais a intenção de enfatizar sua aptidão inata ao autodidatismo. Por outro lado, ainda que lhe desagrade sua filosofia, Patrizi cita os nomes de Tomitano, de “um certo Alberto e de Genoa”. Dessa forma,

os indícios deixados numa exposição tão breve sobre sua formação universitária tornam-se preciosos para melhor compreendermos a relação de Patrizi com o ambiente intelectual vêneto e que aspecto da filosofia oficial do Studio quer contestar ou acolher.

O nome de Bernardino Tomitano está estreitamente ligado ao círculo dos *Infiammati*, do qual se destaca, como figura central, o humanista Sperone Speroni, cujos escritos, bastante influentes em meados do século XVI, fazem uma espécie de revisão e instauram o revigoramento do pensamento aristotélico voltado à arte do discurso.

Um dos propósitos principais da Accademia degli *Infiammati* era a difusão do pensamento aristotélico em *volgare*, nos moldes propostos por Pomponazzi, de quem Speroni havia sido discípulo. Suas ideias parecem ter sido bem acolhidas por um grupo de intelectuais venezianos que se reunia informalmente no *palazzo* de Domenico Venier, visto como o sucessor de Bembo, além de uma figura central do petrarquismo de meados do *Cinquecento*. Speroni era um dos frequentadores dessa espécie de salão literário<sup>1</sup>, de cujos encontros surgiu, no fim da

1 Esse importante reduto de uma intelectualidade de aspirações aristocratizantes também foi frequentado por

década de 1550, a Accademia Veneziana, mais conhecida como Accademia della Fama, sob a patronagem de Federico Badoer, e à qual vemos relacionado o nome de Patrizi.

Girolamo Molino, que juntamente com Venier e Badoer foi um dos principais mentores da Accademia, expressa bem as ideias e os primeiros projetos da instituição, numa carta que escreve a 22 de janeiro de 1558 a Bernardo Tasso que, nesse mesmo ano, se muda para Veneza, tendo aceitado o convite para assumir a chancelaria da instituição<sup>2</sup>:

Há dias passados congregou-se uma nobre companhia sob o título de Accademia Veneziana, de engenhos doutos e vigorosos, com a intenção de favorecer os literatos e o mundo, colocando-lhes nas mãos livros de filosofia, assim como de outras matérias, e não somente purgá-los daqueles infinitos erros e incorreções, que na verdade trazem consigo

nomes como Dionigi Atanagi, Giovanni della Casa, Claudio Tolomei, Bernardo Tasso e seu filho ainda adolescente, Torquato. Frequente também era a presença de poetisas, destacando-se Veronica Franco, que teve Venier como amigo e patrono.

- 2 O trecho da carta a que tivemos acesso encontra-se em G. Tiraboschi, *Storia della Letteratura Italiana*, vol. X, tomo VII. Veneza, Tipografia Molinari, 1823, pp. 253-4.

muitos danos aos estudiosos, mas fazê-los acompanhar de anotações, discursos e escólios úteis, além da tradução em diversas línguas, fazendo-os sair à luz na mais bela impressão e no melhor papel que jamais foram vistos. Além disso, pretendem publicar obras novas e jamais impressas, compostas por eles mesmos ou por outros, e destas já [...] prepararam um grande número.

O primeiro propósito da Accademia era, portanto, realizar esse amplo projeto editorial. O catálogo das obras<sup>3</sup> que a instituição pretendia publicar nos permite delinear um quadro em que se percebe o alcance de tal programa, o qual se estende a várias correntes filosóficas e atenta às mais diversas disciplinas, tanto aquelas contidas num âmbito mais pragmático, como a mecânica e a hidráulica (cujo interesse por parte dos venezianos é evidente), quanto aquelas voltadas para a investigação científica e fi-

3 *Somma delle opere che in tutte le scienze et arti più nobili che in varie lingue ha da mandare in luce l'Accademia Veneziana, parte nuove e non più stampate, parte con fedelissime tradozioni, giudiziose correzioni et utilissime annotazioni riformate*, publicada primeiramente em *volgare* em 1558 e, no ano seguinte, em latim, para ser enviada aos mais importantes centros intelectuais da Europa, uma espécie de propaganda do ousado projeto editorial assumido pela Accademia.